

Flávio Leonel Abreu da Silveira¹

Felipe Vander Velden²

Andréa Osório³

Materialidades animais: sobre os objetos que cercam a vida e a morte de certos seres outros-que-humanos⁴

As experiências humanas nos mais variados contextos socioculturais mundo afora são sempre atravessadas por múltiplas materialidades – coisas, objetos, artefatos, manufaturas, matérias-primas, materiais, estruturas, tecnologias, máquinas, ferramentas, entre outras – que efetivamente, como se sabe, nos fazem humanos na obrigatória companhia (*sensu* HARAWAY, 2008) de miríade de outros seres existentes. Tais experiências conformam ambiências híbridas, verdadeiramente compartilhadas, que desenham paisagens mais-que-humanas ou outras-que-humanas de significativa complexidade *na* e *para* a constituição de mundos diversos.

A teoria social vem, há tempos, discutindo o quanto nós, seres humanos, somos produzidos pelas coisas tanto quanto as produzimos (LATOUR; WOOLGAR, 1979; LATOUR, 1994). Além disso, estudos etnográficos e históricos de grande relevância têm demonstrado, abundantemente, desde pelo menos o final da década de 1970, como a presença ativa de materiais e objetos no cotidiano (e, portanto, no devir) de diferentes sociedades ou coletivos podem ser muito mais do que matéria

¹ Universidade Federal do Pará

² Universidade Federal de São Carlos.

³ Universidade Federal Fluminense.

⁴ Agradecemos a leitura que fez Sarah Moreno desta apresentação.

inerte e desprovida de agentividade e poder na vida vivida (ver, por exemplo, MUNN, 1977; STRATHERN, 1988)⁵. Neste sentido, artefatos, usualmente pensados como exclusivamente fabricados ou produzidos pelo engenho humano – ou, pelo menos, oriundos de experiências ligadas a certos seres vivos ou viventes (como aqueles empregados por alguns animais) –, emergem nos mundos praticados como podendo ser dotados de intenções, desejos, e mesmo emoções, como tristeza ou raiva, por exemplo. Além disso, alguns artefatos são vistos como podendo manifestar sensações como fome e sede, calor ou frio, como vêm demonstrando etnografias de diferentes regiões, como é o caso das flechas entre certos povos indígenas amazônicos (GARCIA, 2010; VANDER VELDEN, 2011). Esses artefatos podem, ainda, apresentar outros predicados, anteriormente pensados como circunscritos tão somente aos humanos (ou aos seres vivos), tais como as vidas (sociais) e biografias (APPADURAI, 1986; KOPYTOFF, 1986).

Além disso, é preciso destacar que nossa existência enseja uma materialidade muito específica, corporal, como a dos animais outros-que-humanos – e do vivente em geral: afinal, todos somos corpos apesar de os distintos seres, ontologicamente, elaborarem esses corpos de modos muito diferentes. Durkheim (2000) chamava de *homo duplex* à dupla existência humana, individual e social. O autor não se deteve a aspectos do corpo, mas é possível incluí-lo no âmbito do indivíduo, tanto quanto do social, como faz toda uma produção da Antropologia ou da Sociologia do Corpo, partindo da reflexão seminal de Mauss (2003) – e recordemos que, para este autor, o corpo é a *primeira ferramenta*, a mais fundamental, do indivíduo. Na medida em que objetos e animais fazem parte de nosso mundo social, ganhando espaços, significados e agências, conforme aponta Latour (1994), eles também detêm uma existência dupla. Isso não significa dizer que as corporalidades e materialidades humanas e animais sejam as mesmas, mas que elas podem ser verdadeiramente incluídas nos âmbitos sociais.

Lembremos que, conforme argumentou persuasivamente Donna Haraway (1991), *somos todos ciborgues* – e seria plausível sugerir, tendo em vista a continuidade da reflexão da autora, que passa dos ciborgues aos animais (HARAWAY, 2003; HARAWAY, 2008), que essa coconstituição somático-artefactual deve incluir também os seres outros-que-humanos.

Parece-nos que, cada vez mais, é impossível pensar na constituição dos coletivos humanos – incluindo nossos corpos, nossas subjetividades, nossas ações e nossos projetos – sem a incorporação dos artefatos, tecnologias ou estruturas com os quais interagimos e dialogamos o tempo todo, sensação certamente amplificada pela enorme profusão de objetos e

⁵ A rigor, talvez pudéssemos mesmo recuar estas reflexões aos estudos seminais de Marcel Mauss (1925 [2003]) sobre a dádiva enquanto objeto agentivo – pensemos, por exemplo, no “espírito da coisa dada” e nos efeitos múltiplos, histórica e etnograficamente atestados, do entrelaçamento entre corpos humanos e coisas/artefatos discutidos pelo célebre antropólogo francês.

materiais, especialmente no mundo contemporâneo. Isso inclui, obviamente, aqueles materiais sintéticos – sem falar nos assim chamados *hiper-objetos* (MORTON, 2013), ao mesmo tempo humanos, mas, seguramente, bem mais-que-humanos –, que caracterizam as sociedades industriais modernas, suas vidas e mesmo suas mortes, engendrando um estilo de vida que se espalha virtualmente por todo o planeta, inundando-o, literalmente, de “coisas” (*stuff*) (MILLER, 2010).

Mas se, de fato, somos feitos de nossas interações com coisas, os animais claramente também o são: eles, assim como nós, igualmente estão cercados por materialidades diversas com as quais têm de se engajar para viver e prosperar em contextos compartilhados com outros entes. Não falamos, aqui, somente das coisas do mundo – objetos naturais, por assim dizer: paisagens, clima, territórios, solos, corpos hídricos, outros seres animados e inanimados inseridos em ecossistemas ou biomas. E não estamos ocupados com aqueles objetos empregados por diversas espécies outras-que-humanas na realização de tarefas variadas – tema de grande interesse antropológico (RAPCHAN, 2012; RAPCHAN; NEVES, 2016), mas que escapa aos objetivos desse dossiê – ainda que seja certo que, cada vez que um macaco utiliza um graveto para coletar formigas, estejamos diante de um fenômeno em que o vivente e a matéria ou artefato interagem e se coproduzem. O mesmo pode ser dito daquela imensidão de coisas que foram ou são confeccionados a partir dos corpos ou partes dos corpos, secreções e excreções de animais – roupas e acessórios de couro, troféus de caça, medicamentos zoterápicos, laticínios e produtos cárneos, espécimes taxidermizados e muitos e muitos outros – e que fundem, à sua maneira, animalidade e artefactualidade de modos singulares, cercando, mesmo na morte, os seres outros-que-humanos e os produtos da ação, da arte e do engenho humanos (VANDER VELDEN, 2018).

Estamos interessados, nesta coletânea de artigos, sobretudo nas criações, produções ou construções humanas com os outros-que-humanos que consideram as nossas interações, produzindo animais por meio de artefatos e, numa via de mão dupla, nos produzindo enquanto humanos igualmente cercados de objetos. Entre esses *artefatos humanais*, se assim a eles podemos nos referir, incluímos, claro, as paisagens alteradas ou arruinadas, as mudanças no/do clima, os territórios político-administrativos e os vínculos simbólico-práticos com lugares de pertença, os solos agriculturáveis e zonas de guerra, bem como os outros seres que convivem conosco nas cidades. Falamos dos artefatos de grande escala, por assim dizer, que nós humanos coproduzimos em consonância ao meio para vivermos, mas também para lidarmos com os animais, nos relacionarmos com eles. Objetos que, em larga medida, determinam as condições de existência desses seres outros-que-humanos, assim como o fazem em relação às nossas.

De fato, a perspectiva adotada aqui é a de que os humanos engendram coisas que produzem animais, enquanto coisas e animais produzem, por seu turno, a nossa própria humanidade. Há uma recursividade que cria mutuamente experiências *humanais* nos mundos mediante uma ecologia sensível, ecossistêmica, mas também mental, por suas dinâmicas processuais em contextos vários. A questão é, assim,

bastante complexa. Mais do que isso, parece-nos claro que produzimos animais por meio de coisas, assim como animais nos produzem por meio delas, numa perspectiva contínua e recíproca. Por outro lado, coisas nos fazem humanos – e humanos singulares, variados, culturalmente diversos nos múltiplos contextos –, assim como fazem animais – e, por certo, animais também singulares, com seus múltiplos mundos-próprios.

A extensa, crescente e talvez mesmo exagerada lista de produtos para o chamado mercado *pet* é uma das mais evidentes expressões hodiernas do que queremos dizer: a pletora de objetos com os quais cercamos, ou podemos cercar, as vidas de nossos cães e gatos, entre outros *pets* (convencionais e não convencionais), são parte da constituição desses seres na contemporaneidade, da mesma forma que participam da construção de um certo tipo de pessoa (e de subjetividade) na (pós)modernidade, engajada em determinada relação contemporânea e normativa com seus mascotes e, por suposto, com as coisas vinculadas a esses seres. Se humanos e animais podem ser espécies companheiras (HARAWAY, 2003), é certo que os objetos igualmente acompanham uns e outros.

Mas essa atual proliferação de artefatos e coisas destinadas aos *pets* não deve obscurecer o fato de que materialidades coproduzem, conosco, animais há milênios, muito antes da existência da pujante e colorida oferta material capitalista e, em muitos contextos no mundo todo, desses mesmos novos mercados em expansão. Pensemos, por exemplo, nas relações com cavalos, desde há muito mediada por complexos *assemblages* materiais (selas, arreios, pelegos, chicotes, esporas, estribos) que, inclusive, assumem distintas formas, mais ou menos complexas no tempo e no espaço, em diversos contextos socioeconômicos e culturais (BIBBY; SCOTT, 2020); em toda a miríade de tecnologias, ferramentas e equipamentos utilizados por cientistas estudando, monitorando e manejando animais; na sofisticação das armas, armadilhas e outras ferramentas – desde a pedra lascada até pesadas máquinas – que empregamos para persegui-los, matá-los, esfolá-los, esquartejá-los e prepará-los como carne e outros subprodutos para circulação e consumo (por humanos e por outros animais).

Lembremos, ainda, de todos os aparatos e estruturas que construímos ou inventamos para conter ou direcionar os movimentos dos animais: cercas, gaiolas, currais, bretes, jaulas, muros, anilhas, portões, laços, coleiras, guias, tranquilizantes químicos, medicamentos e mesmo venenos; ou em toda a parafernália de instrumentos científicos utilizados para coletar, colecionar, dissecar, estudar e perpetuar corpos animais – que, no limite, acabam mesmo por converter os animais eles mesmos em objetos, no caso da taxidermia ou das coleções museológicas (ALBERTI, 2011), embaralhando, como em outros cenários, noções de natureza e cultura, animado e inanimado, vida e morte; consideremos, por fim, as dinâmicas urbanas e a vida animal (doméstica, silvestre, asselvajada) que nela habita e se utiliza das infraestruturas por nós engendradas e erguidas, como postes, edifícios, esgotos, rodovias, reservatórios de água, fios de alta tensão, entre muitos outros (SILVEIRA; SILVA, MERCÊS, 2016; SILVEIRA, 2021; MORENO, 2024).

Tudo isso sugere que as materialidades animais – ou, talvez, devêssemos falar mesmo em materialidades *humanais* – não se restringem aos animais domésticos, manejados ou em cativeiro, o que nos parece mais óbvio. Mas é fato que os animais selvagens ou silvestres também são alcançados por nossos mundos materiais e sempre se produziram e foram produzidos por eles (VANDER VELDEN, 2023): armas de caça, pesca e captura, armadilhas fotográficas (SÜSSEKIND, 2012) e aparatos de pesquisa, observação e formas de controle (SÁ, 2013), sem contar poluentes, dejetos e resíduos que trazem restos das comunidades humanas, cada vez mais, para os contextos habitados por animais, por mais distantes que estejam e remotos que sejam. As recentes descobertas acerca da pervasividade dos microplásticos nos lembra que, no Antropoceno, a pegada material humana atinge cada recôndito do planeta e nenhum ser ou lugar lhes parecem imunes (LORIMER, 2015). Notemos que essas micropartículas plásticas vêm sendo cada vez mais ingeridas por muitas espécies animais, que comem, sem querer ou saber, o que não é considerado comestível e que, doravante, se torna parte de seus corpos (VAN DOOREN, 2016) – mais um exemplo, trágico por certo, da relevância dos ciborgues animais e da coprodução animais-objetos.

Talvez seja possível sugerir que os estudos antropológicos sobre o que aqui denominamos de *materialidades (hum)animais* tenham iniciado com pesquisas sobre armas e armadilhas de caça e pesca, bem como de instrumentais relacionados ao pastoreio e às relações com espécies domésticas ou domesticadas, destacando-se alguns trabalhos pioneiros e detalhados sobre a cultura material vinculada aos cavalos entre os povos indígenas nas Grandes Planícies norte-americanas (ver, por exemplo, AHLBORN, 1980; EWERS, 1985). Entretanto, até o momento, pouca atenção, ao nosso ver, foi e vem sendo dada a essas materialidades animais, mesmo que as ciências sociais venham produzindo reflexões fundamentais sobre as coisas e os materiais há tempos (INGOLD, 2000; MILLER, 2010; SANTOS-GRANERO, 2009; HENARE; HOLBRAAD; WASTELL, 2007, entre muitos outros). Este dossiê reúne, assim, trabalhos que se engajam em estudos e reflexões que conjugam o humano, o animal e o artefactual nos diversos contextos em que tais ecologias prosperam, e considera a possibilidade de que a antropologia se abra às complexidades outras-que-humanas, considerando os animais e as suas relações com os humanos e os objetos.

Esperamos contribuir, destarte, com novas e instigantes descrições etnográficas do que estudos mais recentes em torno dos materiais, coisas ou artefatos têm chamado de *itinerários* de objetos (JOYCE; GILLESPIE, 2015). Com esta reunião de textos, esperamos oferecer novas ideias e inspirações na perseguição de modos renovados de pensar a relação entre humanos e coisas/artefatos/materiais/corporalidades, por meio da inserção, nesta já clássica equação, de mais um relevante termo, o animal, com sua pluralidade de agências e formas de emaranhamentos no mundo, entre o vivo e o não vivo – e seus híbridos – na constituição das “formas sensíveis da vida social” (SANSOT, 1979).

No sentido de discutir as complexidades processuais entre corpos, práticas e materialidades para a produção sociocultural de mundos, que

são feitas para e com os animais, este dossiê traz uma série de contribuições. De início, Leandra Holz em “Entre artefatos de enriquecimento ambiental, vacas e produtores de leite: o natural, o conforto e o cuidado em perspectiva”, discute duas formas distintas de criação de vacas leiteiras: à solta no campo e confinadas. No último caso, uma série de objetos é introduzida no manejo para o bem-estar dos animais. A questão sobre o que traz mais bem-estar ao gado, se o confinamento ou não, contudo, não é consensual – e nem tampouco são as formas de interpretar os comportamentos dos animais em questão.

Contendas sobre o que é bom ou não para os animais são parte das reflexões de Miriam Adelman, em seu texto “Corporalidades humano-equinas e disputas atuais sobre filosofias e técnicas de doma”, segundo artigo deste dossiê. Amparada na figura mítica do Centauro, a relação humano-equino envolve não apenas a possibilidade de montaria, mas, antes mesmo desta, a necessidade da doma. Filosofias distintas apresentam métodos distintos, constituindo discursos e práticas diferentes que entram em disputa. O que é melhor para um cavalo? Há controvérsias, como se diz popularmente. Se o problema levantado por Holz acima girava em torno dos comportamentos “naturais”, a doma nos leva aos comportamentos esperados e ensinados a partir de desígnios humanos.

Na sequência, apresentamos as reflexões de Edi Alves de Oliveira Neto que, em “Pastores Belga de Malinois e a busca pelo cão policial moderno: entre novas práticas e velhas controvérsias”, discute como a busca por um cão eficiente levou ao abandono do emprego de certas raças – como Pastores Alemães, Rottweilers e Dobermanns – pelas corporações policiais, em privilégio do Pastor Belga de Malinois, criado e selecionado com o intuito de ser o cão policial ideal para determinadas práticas. A questão aqui ultrapassa as questões corporais e envereda pelo que se espera comportamentalmente de um sujeito canino individual. Há treinamento, decerto, porém, espera-se também uma certa inclinação natural dos animais.

Na mesma seara, mas em um contexto diferente, Luisa Amador Fanaro, em “Aprendizados humano-caninos na preparação para a busca de trufas negras no Chile” discute justamente como se fabrica um cão trufeiro, a partir de raças caninas, tanto quanto de treinamento e aprendizado, ao mesmo tempo em que esses cães fabricam humanos trufeiros. Diferenças entre machos e fêmeas caninos, bem como cruzamentos entre raças entram em ação na seleção dos melhores indivíduos, mais aptos à caça a esse fungo valioso. As questões, portanto, transcorrem entre agências, aprendizados, corporalidades, materialidades e sensibilidades, sobretudo olfativas – que circulam entre humanos, cachorros, fungos e uma pletora de objetos –, tocando em pontos dos dois artigos anteriores, por Oliveira Neto e Adelman.

Ainda sobre os cães, Felipe Vander Velden, no artigo “Objeto pra cachorro: cultura material e cães nas terras baixas sul-americanas”, reflete sobre o que o autor chama de *materialidades da familiarização*, ou seja, “objetos de variadas naturezas utilizados para entabular relações com os animais familiares no contexto doméstico ou aldeão [...] classificados basicamente em duas categorias: os *enfeites* e o que podemos denominar

de *aparatos de contenção ou restrição de movimentos*". A primeira categoria contrasta com a miríade de artefatos urbanos encontrados em *pet shops*. A segunda, parte do próprio processo domesticatório calcado na sujeição e controle dos animais, é usada amplamente em outros contextos, que não apenas aqueles ameríndios (que são aqui destacados pelo autor), e, sem dúvida, não apenas com relação aos cães.

Na sequência, temos o artigo de Elisa Gonçalves Rodrigues e Flavio Leonel Abreu da Silveira, intitulado "Gatos e humanos em cidades cemiteriais de Belém (PA): paisagens humanais numa urbe amazônica", no qual os autores analisam a presença de gatos em dois cemitérios na cidade de Belém. Ali, os gatos são parte da paisagem e empreendem relações com visitantes e funcionários. A questão não é somente de ocupação felina do território dos mortos por excelência, mas as implicações simbólicas dessa presença. Nestes termos, destacamos que análises contemporâneas centradas na ideia de agência frequentemente esquecem dimensões simbólicas, que Rodrigues e Silveira resgatam, tanto quanto Vander Velden, sobretudo acerca dos enfeites dos cães. Essas dimensões estão subjacentes também, quando outros autores e autoras deste dossiê se perguntam o que, afinal, humanos em contextos específicos pensam que uma vaca faz, um cavalo faz ou um cachorro deve ser.

Por último, conquanto não menos importante, apresentamos "Memória, agência e vida: a persistência dos Insetos nas Coleções Científicas", de Ana Paula Perrota e Líbera Li de Lima Nunes. As autoras discutem borboletas e mariposas, vivas e mortas, em uma coleção museológica, onde fungos, luz, temperatura, oxigênio, entre outros, são agentes de composições e decomposições da matéria orgânica. Mesmo mortos, os corpos em questão continuam, de certa forma, vivos, o que sugere que têm histórias. Nesse caso, sua inexorável materialidade interage com outras materialidades, retomando o ciclo aberto, neste dossiê, pelas reflexões de Leandra Holz no artigo que abre este dossiê.

Aos leitores e às leitoras do presente número da Revista Tessituras, desejamos não apenas as boas-vindas, mas que os trabalhos aqui veiculados sejam fonte de inspiração e que possam, de alguma forma, ser uma contribuição a futuras produções intelectuais, de viés empírico ou teórico. Pensemos em conjunto, nós, humanas e humanos, com os animais, com os objetos, e com tudo o mais que nos cerca e que constituem mutuamente todos os seres, animados, inanimados ou de qualquer outro tipo, uns aos outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Samuel (ed.). ***The Afterlives of Animals: a museum menagerie.*** Charlottesville: University of Virginia Press, 2011.
- AHLBORN, Richard E. (ed.). ***Man Made Mobile: early saddles of Western North America.*** Washington: Smithsonian Institution Press, 1980.
- APPADURAI, Arjun (ed.). ***The Social Life of Things: commodities in cultural perspective.*** Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- BIBBY, Miriam; SCOTT, Brian (eds.). ***The Materiality of the Horse.*** Budapest: Trivent Publishing, 2020.
- DURKHEIM, Émile. ***O Suicídio.*** São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- EWERS, John. ***The Horse in Blackfoot Indian Culture.*** Washington: Smithsonian Institution Press, 1985.
- GARCIA, Uirá. Sobre esposas, xerimbabos e flechas: o casamento e seus homólogos entre os Awá-Guajá. **Trabalho apresentado nos Seminários do CPEI**, Campinas, Unicamp, 2010.
- HARAWAY, Donna. ***Simians, Cyborgs, and Women: the reinvention of nature.*** Londres: Routledge, 1991.
- HARAWAY, Donna. ***The Companion Species Manifesto: dogs, people, and significant otherness.*** Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.
- HARAWAY, Donna. ***When Species Meet.*** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.
- HENARE, Amiria; HOLBRAAD, Martin; WASTELL, Sari (eds.). ***Thinking Through Things: theorizing artefacts ethnographically.*** London: Routledge, 2007.
- INGOLD, Tim. ***The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling, and skill.*** London: Routledge, 2000.
- JOYCE, Rosemary; GILLESPIE, Susan. Making things out of objects that move. In: JOYCE, Rosemary; GILLESPIE, Susan (eds.), ***Things in Motion: object itineraries in Anthropological practice.*** Santa Fe: School of Advanced Research Press, 2015.
- KOPYTOFF, Igor. 1986. The cultural biography of things. In: APPADURAI, Arjun. (ed.). ***The Social Life of Things: commodities in cultural perspective.*** Cambridge: Cambridge University Press, 1986. pp. 64-91.
- LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. ***Laboratory life: the construction of scientific facts.*** Los Angeles: Sage Publications, 1979.
- LATOUR, Bruno. ***Jamais fomos modernos.*** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LORIMER, Jamie. **Wildlife in the Anthropocene: conservation after nature**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2015.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, pp. 399-422.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, pp. 185-314.

MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e Coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MORENO, Sarah. **A incômoda presença dos pombos no porto de Santos**. São Paulo: Urutau, 2024.

MORTON, Timothy. **Hyperobjects: Philosophy and Ecology after the end of the world**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.

MUNN, Nancy. *The Spatiotemporal Transformations of Gawa Canoes*. **Océanistes**, 54-55, 1977, pp. 39-53.

RAPCHAN, Eliane. Cultura e inteligência: reflexões antropológicas sobre aspectos não físicos da evolução em chimpanzés e humanos. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** 19, 2012. pp. 793-814.

RAPCHAN, Eliane; NEVES, Walter A. Culturas de Chimpanzés? Uma revisão contemporânea das definições em uso. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, v. 11, 2016. pp. 745-768.

SÁ, Guilherme José da Silva e. **No Mesmo Galho**: antropologia de coletivos humanos e animais. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

SANSOT, Pierre. **Les Formes Sensibles de la Vie Sociale**. Paris: PUF, 1979.

SANTOS-GRANERO, Fernando (ed.). **The Occult Life of Things: native Amazonian theories of materiality and personhood**. Tucson: The University of Arizona Press, 2009.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. As paisagens do bairro Lami, a cidade de Porto Alegre (RS): bugios e figueiras no mundo urbano contemporâneo. In: ROCHA, Ana Luísa Carvalho da; ECKERT, Cornélia (Orgs.). **Tempo e Memória Ambiental**: etnografia da duração das paisagens citadinas. Brasília: ABA Publicações, 2021.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da; SILVA, Matheus Henrique Pereira da.; MERCÊS, Raphael Santos das. Voando baixo sobre humanos: garças e urubus na Pedra do Peixe, no Ver-o-Peso (PA). **Revista Latinoamericana de Estudos Críticos Animales**, 2(3), 2016, pp. 299-319.

STRATHERN, Marilyn. **The Gender of the Gift: Problems with Women and Problems with Society in Melanesia**. Berkeley: University of California Press, 1988.

SÜSSEKIND, Felipe. A onça-pintada e o gado branco. **Anuário Antropológico**, 37(2): 2012. pp.111-134.

VAN DOOREN, Tom. ***Flight Ways: life and loss at the edge of extinction***. New York: Columbia University Press, 2016.

VANDER VELDEN, Felipe. As flechas perigosas notas sobre uma perspectiva indígena da circulação mercantil de artefatos. **Revista de Antropologia**, 54(1): 2011, pp. 231-267.

VANDER VELDEN, Felipe. **Joias da floresta: antropologia do tráfico de animais**. São Carlos: Editora da UFSCar, 2018.

VANDER VELDEN, Felipe. Clever animais: naturalcultural interactions in Karitiana hunting practices (Rondônia, Brasil). **Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America**, 19(2): 2023. pp. 305-334.